

Resenha do livro *Paixão e loucura nos limites da clínica psicanalítica* de Berta Hoffmann Azevedo Blucher, 2025

Rodrigo Lage Leite[1]

Uma resenha apaixonada

Uma junção rara e precisa da experiência clínica em situações-limite — escuta, observação e intervenção — com a teoria produzida pela psicanálise contemporânea e esta, por sua vez, em diálogo justo com a metapsicologia clássica são os ingredientes principais de *Paixão e loucura nos limites da clínica psicanalítica*, de Berta Hoffmann Azevedo, lançado em 2025, pela Editora Blucher.

Com Frida, a autora-analista enfrenta os movimentos — a princípio insidiosos, mas a partir de certo ponto enlouquecedores — do campo analítico, interpretados como vivificação, na transferência, "da desmesura que beirava a indignidade" nas relações com o objeto primário. A jovem que se mostrava durona e indiferente a cada movimento de vida se vê nos limites do enlouquecimento ao vivenciar uma paixão romântica que, além de atormentá-la, incendeia o campo analítico, levando ambas, analista e analisanda, à iminência do colapso. Conceitos e construtos da psicanálise contemporânea — violência secundária (Piera Aulagnier), passivação traumática e clínica do negativo (André Green), relações aditivas (Joyce

[1] Psicanalista, membro efetivo e docente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. *rodrigolageleitermail.com*

© do autor.
Recensão publicada em https://rppsicanalise.org a 16/11/2026.

McDougall) — instrumentalizam a reflexão teórica, mas, sobretudo, têm o efeito bem-vindo de fertilizar a criatividade da psicanalista, e consequentemente a do leitor, produzindo a mágica poderosa de diminuir a solidão tantas vezes angustiante do trabalho em psicanálise.

O mesmo procedimento se repetirá ao longo do livro; outras problemáticas e conceitos, mas sempre a partir da ancoragem no calor (ou nas geleiras) da clínica e no tumulto do campo analítico.

No auge da pandemia de 2020, o isolamento social e um revés amoroso forçam a tentativa de interrupção abrupta da análise por uma paciente. O trabalho da analista para "sobreviver" (Winnicott) à violência que se instala convoca um mergulho metapsicológico nos regimes de investimento e desinvestimento libidinal, dialética que serve de pretexto para abordagem das noções de função objetalizante, tempo morto e trabalho de Eros (Green).

Em "quando o brinquedo não brinca", uma criança em "carne viva" amarra a analista — Fecha os olhos! — com um novelo de lã, exigindo dela um "esforço de ligação e transformação" a partir do "corpo da relação". Aqui, Pontalis (posição *versus* dominação contratransferencial), Green, Bleger e Winnicott (enquadre) e Green (processos terciários), inspirado em Bion (*rêverie*) e Winnicott (área transicional), seguem juntos com a analista num esforço de criação de possibilidades quando "os brinquedos não brincam, mas explodem" na sala de análise. Conferindo mais uma camada ao texto, a produção psicanalítica contemporânea é diretamente cotejada com o trabalho da metapsicologia clássica, aqui representada por Ferenczi (técnica ativa e tato) e Freud, desde seu "Projeto para uma psicologia científica", de 1895.

Não por acaso, abalos geológicos de placas tectônicas são as metáforas escolhidas para uma varredura das variadas problemáticas que se reúnem sob o guarda-chuva da dita psicanálise contemporânea, cercando as problemáticas do originário, do inconsciente não representado, da loucura sem nome e do traumático.

Por fim, os benefícios de se diferenciar loucura e psicose são escrutinados, propondo uma desejável discussão sobre confusões diagnósticas, ingerências psicopatológicas, moralismos travestidos de erudição psicanalítica e recalques teóricos de variados tipos.

Berta Hoffmann Azevedo, autora brasileira e atual editora chefe da Revista Brasileira de Psicanálise, há muito vem emprestando sua vivacidade clínica como psicanalista e transmissora da psicanálise, no âmbito da SBPSP. Seu livro *Paixão e loucura nos limites da clínica psicanalítica* chega agora a espaços maiores, preenchendo uma lacuna ao oferecer sua força imaginativa para uma tarefa dupla. Primeiramente, uma visão de conjunto cristalina sobre algo geralmente nebuloso e disperso: o horizonte da metapsicologia clássica, com seus diferentes vetores e nuances. Mas, além disso, a engenhosa junção desta com a psicanálise contemporânea, em seu esforço contínuo de fazer trabalhar a metapsicologia frente aos desafios da clínica nossa de cada dia.